



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

*Versão para registro histórico*

*Não passível de alteração*

COMISSÃO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 1296/13	DATA: 03/09/2013	
LOCAL: Plenário 8 das Comissões	INÍCIO: 14h46min	TÉRMINO: 16h24min	PÁGINAS: 34

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

LADISLAU MARTIN NETO - Diretor Executivo de Pesquisa e Desenvolvimento da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA.

SUMÁRIO

Discussão sobre Ações Empreendidas pela EMBRAPA para o Desenvolvimento das Agriculturas Orgânica e Convencional.

OBSERVAÇÕES

Houve exibição de imagens.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Penna) - Boa tarde, amigos.

Primeiro, aos meus queridos expositores peço desculpas pelos transtornos. O nosso espaço hoje está bastante tumultuado, mas certamente não teremos o brilho das suas palestras e das observações empanado.

O tema desta audiência, sugerido por este Deputado, é *Ações Empreendidas pela Embrapa para o Desenvolvimento das Agriculturas Orgânica e Convencional*.

Comunico a todos que o evento é transmitido ao vivo pela Internet e será gravado pela Câmara para ser exibido posteriormente na programação da nossa TV. Informo ao palestrante, aos Parlamentares e aos demais presentes que esta Comissão promoverá um debate interativo. Nós estamos trabalhando com o portal e-*Democracia* para ampliar o nosso auditório e poderemos ter perguntas de internautas. O debate será coordenado pelos nossos competentes assessores da Casa. Esta é uma iniciativa para democratizar as nossas conversas. Eu quero que vocês saibam que, embora raramente apareça na televisão aberta a atuação das Comissões, eu tenho certeza de que é aqui, neste espaço, que acontece o principal evento da Câmara dos Deputados.

Para tranquilizar os nossos palestrantes, eu quero dizer que sou supersimpático à EMBRAPA. Se não tivesse tido a dificuldade política da minha juventude, certamente eu seria um agrônomo. Portanto, o nosso interesse maior é justamente voltar a EMBRAPA ao debate, inclusive no sentido de ampliar as suas possibilidades econômicas, para liberar a sua eficiência em termos de realização de pesquisas e de tudo que faz esse órgão extremamente importante para o País.

Aqui eu tenho tido uma atuação que demonstra preocupação com o que o nosso povo se alimenta. Temos alguns projetos na Casa sobre suplementação de vitamina B e outras coisas para a formação dos nossos garotos e a qualidade do que nós nos alimentamos. Temos conhecimento da grande carga de agrotóxicos utilizada. Se não me engano, o Brasil é o primeiro ou o segundo País do mundo no uso dessas substâncias, o que é extremamente preocupante.

Ao longo da minha vida, em contato com os índios, eu vi um sistema agrícola muito interessante de rodízio de suas plantações, em respeito à ação calcinadora do solo devido à nossa região tropical na maioria do País. Eu acho que é um dever nosso pensar a agricultura de larga escala, o rodízio de plantações, todas essas



ações, antes de fazer um posicionamento contrário, dilapidador. Todos os verdes têm essa posição propositiva na visão de que precisamos caminhar muito.

Convido à Mesa o Sr. Ladislau Martin Neto, Diretor-Executivo de Pesquisa e Desenvolvimento da EMBRAPA, representando o Presidente Maurício Antônio Lopes.

Peço que o Sr. Ladislau Martin Neto assine a autorização para que possamos usar a sua imagem ao longo da nossa programação e também que observe o tempo de 20 minutos da sua palestra para darmos oportunidade às outras pessoas que queiram intervir. Ali nós temos um cronômetro que pode orientá-lo para não haver nenhum tipo de coerção.

Neste instante, quero passar a palavra para o meu amigo Ladislau.

**O SR. LADISLAU MARTIN NETO** - Deputado Penna, Presidente da Comissão de Meio Ambiente, colegas presentes, demais autoridades, Deputados, é uma grande honra para mim, como Diretor-Executivo de Pesquisa e Desenvolvimento da EMBRAPA, representando o nosso Presidente Maurício Antônio Lopes, poder trazer informações atualizadas de qual é a agenda que a EMBRAPA tem conduzido na questão da agricultura convencional e também nos tópicos ligados à agroecologia e agricultura orgânica.

Agradeço o convite e também entendo como positiva a discussão para elevarmos a nossa base de conhecimento e também a divisão com esta Casa, que dirige o destino da nossa Nação. É importante, como uma empresa do Estado, estarmos aqui de alguma forma prestando contas do que estamos fazendo. Então, a gente vem com muita honra e com muita satisfação, Sr. Deputado.

Muito obrigado por esse estímulo e por essa atenção com essa temática.

Se me permite, eu tenho uma apresentação.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Penna) - Sim, pois não. Aproveito para anunciar a presença do Deputado Eurico Júnior, do PV do Rio de Janeiro, e também do Deputado Duarte Nogueira, do PSDB de São Paulo, grande líder na região de Ribeirão Preto.

**O SR. LADISLAU MARTIN NETO** - Eu vou dar início à apresentação, Deputado. O título é *Contextualização da Pesquisa Agropecuária e Contribuições da EMBRAPA para o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica*.



*(Segue-se exibição de imagens.)*

Vou dar uma visão mais abrangente. Quando a gente olha para a agricultura, para os múltiplos desafios do futuro, claramente há questões de energia, água, alimento. Estamos falando de segurança alimentar, da questão de o planeta chegar a 9 bilhões de habitantes em 2050. Quando se fala de meio ambiente, de todas as questões relacionadas ao uso da água, de questões de biodiversidade, de questões das mudanças climáticas globais, sem dúvida, os desafios são imensos, e, logicamente, do ponto de vista social, há a questão da pobreza, que em muita extensão tem ligação com o meio rural.

Quando a gente olha como evoluiu a questão da produção e exportação de alimento, a gente olha a América do Norte e a América do Sul, a gente entende que as grandes mudanças na capacidade de produção de alimentos ocorreram conosco, aqui na América do Sul, tendo o Brasil como um importante protagonista, e também em alguma medida na Europa Oriental. Claramente, do ponto de vista do consumo, tudo indica que a Ásia e o Oriente Médio vão permanecer dependentes dessa questão da demanda por alimentos.

Quando olhamos para a disponibilidade de terras no mundo, claramente temos um papel invejável, sem sombra de dúvidas, da disponibilidade de terras. A gente olha o quanto a gente tem usado para a agricultura, do ponto de vista da pastagem de área não utilizada, excluindo toda a área da nossa Amazônia — aqui neste mapa, a gente detalha isso. É um privilégio para uma Nação como o Brasil poder ter uma contextualização dessa, com disponibilidade de terra e com muito espaço para a conversão de pastagens degradadas para a condução de lavoura, cana, outras espécies florestais, aquilo que a gente entender como importante, que o País demanda e que o mundo pede.

Também acho importante o País, nesses 40 anos, ter chegado a ser o segundo maior exportador de vários produtos agrícolas, sendo superado somente pelos Estados Unidos. Lembro que, quando a gente contabiliza a União Europeia, nós vamos para terceiro, mas como País, individualmente, nós somos hoje o segundo maior exportador.

Também tem que ser motivo de satisfação a nossa matriz energética quase 50% renovável, enquanto a média mundial cai para em torno de 19% e a dos países



da OECD, os países mais desenvolvidos, cai para em torno de 7%. Então, são diferenciais extremamente importantes, associados com a questão da hidroeletricidade e também com a cana-de-açúcar, com a madeira e outras fontes de biomassa.

É extremamente relevante o que a gente fez nesses últimos 30, 40 anos, no aumento da produtividade de alimentos, chegando em 2013 a um recorde de 185 milhões de toneladas. Isso indica que, de 1991 a 2010, houve um aumento de em torno de 200% na produção, com somente o aumento de 30% da área cultivada, claramente com o uso de tecnologia, com incorporação de ciência para isso. É lógico que o grande mérito é dos nossos produtores rurais.

Também é bastante verdade — é uma contextualização muito importante — que há a contribuição da agricultura familiar para vários produtos, como a mandioca, cuja produção a agricultura familiar responde por 87%; do gado e do leite, quase 60%; do arroz. Enfim, é a realidade da nossa agricultura.

Quando a gente olha para o panorama de País, quem tem segurado a balança comercial positiva — infelizmente no último ano em torno somente de 20 bilhões de dólares —, claramente, é a agricultura, é o agronegócio. Então, trata-se de uma atividade extremamente importante, geradora de quase 40% do emprego, 25% do PIB, 40% das exportações. Infelizmente, a gente vive déficit em várias outras áreas, mas esse é o contexto da nossa agricultura.

Quanto aos impactos sociais, a gente reduziu o valor da cesta básica de 75 a 2010, ainda que neste momento haja oscilações ou algum custo adicional para alimentação. Mas o fato é que a gente reduziu praticamente para a metade o custo real da cesta básica. Então, vejam o contexto de exportação, geração de emprego, aspecto social.

É extremamente importante saber como está a nossa emissão de gases de efeito estufa e como está o desmatamento brasileiro. Esse eslaide apresentado agora, no dia 5 de junho, no Palácio do Planalto, no Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas, pelo Prof. Pinguelli Rosa, mostra um quadro extremamente interessante de decréscimo da emissão de gases de efeito estufa, associado principalmente com a diminuição do desmatamento da Amazônia, o que é extremamente importante.



Logicamente, nesse novo cenário, as contribuições da agropecuária, de processos industriais ou da própria energia começam a se tornar importantes e são objeto da nossa atenção. De qualquer forma, é um ano de safra recorde e desmatamento mínimo. Então, eu acho que aquela fumaça de que nós estamos fazendo agricultura às custas da Amazônia em grande medida pode cair por terra.

Eu não vou poder me estender muito, mas várias contribuições, como a questão do plantio direto, foram extremamente importantes para o nosso País. Essa é uma agenda de muito futuro.

Eu vou ter que correr um pouco. Acho que selecionei mais eslaides do que o tempo de que disponho, mas aqui é outro contexto extremamente importante. Dados do Censo Agropecuário do IBGE.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Penna) - O senhor me permite um aparte? Vamos reformular. Não deixe de mostrar nada. Vamos esquecer o relógio.

**O SR. LADISLAU MARTIN NETO** - Muito obrigado. Então, nesse contexto também, a questão social do agro, os últimos dados do Censo Agropecuário do IBGE, num trabalho realizado pela primeira diretoria e o segundo Presidente da EMBRAPA, Dr. Eliseu Alves, demonstram que, de 4,4 milhões de propriedades que declararam renda — a gente sabe que tem mais de 5 milhões de propriedades — 500 mil propriedades respondem por 87% do valor da produção. A gente tem o restante, então, responsável por 13%. Então, do ponto de vista social, esse é um desafio muito grande. Nada contra os 500 mil bem-sucedidos, mas a gente tem que fazer chegar aos demais, também, condições de desenvolvimento e de participação mais ativa, do ponto de vista social e econômico.

E aí temos vários aspectos que podem auxiliar nesse processo. Um deles é a iminente criação da Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, pelo Governo Federal, pela nossa Presidenta Dilma Rousseff, e que deve contar com uma participação importante da EMBRAPA, incluindo a presença do nosso Diretor-Presidente do Conselho de Administração da Agência, e, eventualmente, do nosso Diretor de Transferência e Tecnologia, como o Diretor de Transferência e Tecnologia da ANATER, Dr. Waldyr.

No ano passado, tivemos eventos extremamente importantes associados à agroecologia. Um deles, a criação do Plano Nacional de Agroecologia e Produção



Orgânica. A EMBRAPA teve um papel extremamente importante na criação do Plano. Vários de seus pesquisadores atuaram no trabalho para chegar ao produto que hoje a gente tem, que está na iminência de ser lançado de forma pública, oficial, pela nossa Presidenta Dilma; também o lançamento de Frente Parlamentar. Da nossa parte, na EMBRAPA, eu queria chamar a atenção — eu vou explicar um pouquinho melhor — para a reorganização da nossa gestão da pesquisa, uma ação que, inclusive, é objeto da atuação do Diretor de P&D, aquilo que a gente está chamando de portfólio de projetos, e a criação de um deles exatamente em sistemas de produção de base ecológica.

Eu também faço o retrato de como a gente vem conduzindo o Sistema EMBRAPA de Gestão (SEG), que foi implantado em 2001 nessa formatação, com aquilo que a gente chama de macroprogramas, com 6 macroprogramas. Um deles, o MP1, que são projetos, grandes redes de pesquisa, associados ao que a gente chama de Desafios Nacionais. O MP2, Competitividade e Sustentabilidade, assim por diante, e, logo em 2003, a criação do Macroprograma 6, de Agricultura Familiar. Inclusive, está aqui presente o coordenador do macroprograma, Dr. Altair, que atua nessa temática e coordena os trabalhos do Sistema EMBRAPA de Gestão.

Mas, dentro desse contexto, vale a pena ressaltar que, além das atividades em agricultura familiar, dentro do Macroprograma 1, que eu já expliquei, associados aos Grandes Desafios Nacionais, a gente, em 2006, lançou o Marco Referencial em Agroecologia, com projetos sobre agricultura orgânica, que foi sucedido por um de transição ecológica, e são grandes redes de pesquisa. É a forma como a EMBRAPA está atuando. Nesse caso, envolveu mais de 360 pesquisadores da EMBRAPA e de instituições parceiras. Isso é uma agenda extremamente forte que extrapola a agenda do que a gente chama de Macroprograma 6.

Só para os senhores terem a dimensão, esse é o total de projetos nos Grandes Desafios Nacionais. São 13 projetos, sendo um deles esse de Transição Agroecológica.

Então, do ponto de vista de internalização, inserção dessa temática de prioridade na EMBRAPA, eu entendo que ela está devidamente assegurada. Também, do ponto de vista de composição recente da nossa carteira, um levantamento, que eu imagino que possa ser ainda melhor detalhado, a gente tem



uma quantidade expressiva de projetos no Sistema EMBRAPA de Gestão, com mais de 20 unidades líderes — os nomes estão aqui —, mas com uma série de outras atividades não computadas, como fitoterápicos para sanidade animal, controle biológico, compostagem de resíduos orgânicos, saneamento básico rural — uma questão extremamente relevante — e indicações de muitas outras UD's.

Quando a gente olha para o funcionamento desses sistemas de inovação agropecuária do Brasil, além da própria rede da EMBRAPA, são extremamente importantes as organizações estaduais de pesquisa, que necessitam ser apoiadas, que necessitam ser fortalecidas. A EMBRAPA tem se empenhado em apoiar as universidades e faculdades agrícolas para a gente poder ter uma agenda da magnitude do nosso País continente. Esse é um desafio imenso. E, naturalmente, trabalhando em sintonia e atendendo as demandas do setor produtivo.

Acho que os senhores têm conhecimento da realidade da EMBRAPA. São 47 centros de pesquisa e serviços, somos divididos por centros temáticos. Os produtos ecorregionais, em torno de 9.800 funcionários, 2.400 pesquisadores. Esta é a rede que a gente tem hoje. Especificamente, quando a gente fala em orçamento, esse foi um levantamento feito recentemente pelos colegas que estão fazendo a gestão daquele portfólio. A ideia é a de que os membros daquele portfólio são especialistas que vêm nos ajudar na gestão também aqui na sede da Empresa.

A gente tem um total de investimentos, no Sistema EMBRAPA de Gestão, em torno de 600 milhões de reais, sendo que para a agroecologia algo em torno de 137 milhões, agricultura orgânica, 42. Aqui, há um pouco de sombreamento, mas é um percentual que a gente entende extremamente importante, parte da nossa carteira de gestão e de financiamento à pesquisa. Naturalmente pode ser mais, pode ser melhorado? Logicamente que sim. Eu acho que o próprio investimento em ciência e tecnologia em nosso País carece de melhorias. Quando a gente olha para os países desenvolvidos, aqueles que estão impactando o mundo, os investimentos em P&D são extremamente significativos. Então, nesta Casa, a gente tem a satisfação de estar aqui e também de lembrar essas questões. E isso é verdade, acho, para ambas as agriculturas.

Rapidamente, para sintonizar e sinalizar alguns ajustes que a gente tem feito na nossa gestão da programação, para buscar maior eficiência e impacto, a gente





tem migrado, trabalhando, além dos macroprogramas, com o que a gente tem chamado de portfólios e arranjos, uma iniciativa que foi do nosso atual Presidente Maurício Lopes, então Diretor em P&D. Dentro dos portfólios, os quatro ou cinco primeiros criados, um deles é o sistema de produção de base ecológica. Então ele já nasce ganhando prioridade nessa nova vertente da nossa agenda. E aí o monitoramento da dinâmica, o uso e cobertura da terra são extremamente importantes. A gente está tratando com questões do Código Florestal. São questões muito relevantes, ou novas formas de uso da integração lavoura/pecuária/floresta, buscando otimizar o sistema agroflorestal no uso dos nossos solos. E assim tem vindo, ou você pode pegar outras temáticas com interface importante, como a fixação biológica do nitrogênio. Isso é uma contribuição fantástica da ciência brasileira para a agricultura, uma economia da ordem de 10 bilhões de reais para os produtores brasileiros.

Então, quando olham para o nosso orçamento, Srs. Deputados, tem-se a tranquilidade do bem que o investimento de P&D — a gente tá falando de uma tecnologia — trouxe para o nosso País. Ou quando a gente fala em recursos florestais nativos, ou quando a gente fala de controle biológico. E o controle biológico hoje vem numa vertente que a gente, há muitos anos, com manejo integrado de praga, preconiza tanto a questão do controle químico quanto o controle biológico. Infelizmente a parte biológica tem sido menos utilizada, mas esse é o momento de desafio de qualquer agricultura estar demandando a questão do controle biológico. Eu vou ter oportunidade de mais a frente ressaltar isso. E também uma nova vertente em agricultura.

A gente está trabalhando com novos grupos de trabalho ainda não tão consolidados esse, mas também com vários outros, como alimentos de nutrição e saúde, novos processos de fertilizantes, a questão do uso eficiente de água, química da biomassa e alimentos seguros, que passam pela produção integrada e pelo manejo integrado de pragas a que eu já me referi.

Dentro do contexto desse portfólio a que eu fiz referência, o contexto é esse. Eu não vou ler todo o eslaide, mas chamo atenção aqui para os tópicos relacionados à agrobiodiversidade. Será uma ação extremamente importante a questão de disponibilização de material genético adequado às práticas da agroecologia e de



agricultura orgânica. A questão do aspecto social também é extremamente importante, assim como do aspecto ambiental.

A gente falou aqui do nosso uso de pesticidas, e também incorporar, trazer ciência para o desenvolvimento disso. Isso aí parece que é um consenso de que a gente precisa de ciência. Também, concluindo essa parte, sinalizar com a nossa visão — este eslaide é do nosso Presidente Maurício Lopes e do Elísio Contini —, o que a gente vê, além da produção de alimentos, da questão associada à saúde, mas as questões relacionadas a serviços ambientais, serviços de ecossistema, economia do carbono, questão da biomassa, bioenergia, biomateriais, química verde — extremamente importante, o Brasil tem um potencial imenso — e outros aspectos importantes dentro do espaço rural. O espaço rural hoje concebe mais do que produz alimentos, produz energia. Concebe outros atrativos importantes, e a gente tem que ter inteligência de usar isso.

Para a safra da agricultura familiar de 2012/2013, há vários aspectos relacionados com a questão da ciência técnica e extensão rural que passam, em alguma medida, por esta questão do uso eficiente de recursos naturais, da questão das práticas de manejo sustentável, etc.

Dentro da EMBRAPA o que a gente — vou passar alguns eslaides agora — tem de resultados relacionados às unidades de pesquisa e produção orgânica, às unidades de produção de referência, baseado em diversificação vegetal, inclusão de uso com pecuária, fixação biológica de nitrogênio, a que eu já me referi.

Aqui são alguns dados de resultados finalísticos gerados. Eu não vou ficar lendo, mas são resultados expressivos desses programas que a gente desenvolveu. Há uma série de experiências em diferentes regiões do País, desde o Acre, o Mato Grosso, quando você vai para a produção orgânica em São Joaquim, bancos comunitários de sementes e adubos verdes em Minas Gerais, ou uma unidade didática de agroecologia do Show Rural Coopavel, são todas iniciativas executadas pela EMBRAPA.

Na questão de perfil, percepção dos consumidores sobre alimentos orgânicos — isso aqui é em Corumbá —, ou outras ações em Ibiúna, São Paulo. Temos várias questões associadas a biofertilizantes e a doses de substâncias húmicas no cultivo orgânico do meloeiro. Fertilizante agromineral granulado, originado de dejetos suíno,



uma contribuição inédita da EMBRAPA. É um produto que está virando mercado. Ou o uso de compostagem. Aqui eu vou tomar liberdade, Sr. Presidente, de dar um exemplo de pesquisa que eu mesmo conduzi, ainda enquanto pesquisador em São Carlos, na EMBRAPA, de aproveitamento de resíduos da agroindústria, tanto da indústria de cana de açúcar quanto da indústria de suco de laranja, etc., que eram ali da região, e a gente pôde desenvolver um trabalho baseado tanto em poda de árvore, com esterco bovino, com bagaço, com torta de filtro da indústria sucroalcooleira. Daí gerou um resultado, que foi publicado em revistas internacionais de alto impacto, *Bioresource Technology*, em 2010, associando as moléculas que conferiram um grau de capacidade de troca iônica relacionadas à fertilidade. Daí a gente pôde mostrar a molécula de pectina, e caracterizar isso por ressonância magnética nuclear. Esse é um ferramental de que dispomos lá nesse centro de instrumentação, é um equipamento que custa 600 mil dólares e está sendo usado, além de várias outras questões, para caracterizar qual produto está respondendo pela capacidade fertilizante deste produto. Então é usando o que a gente tem de mais avançado da pesquisa para auxiliar as questões de desenvolvimento sustentável.

Também quero chamar atenção aqui para outra agenda que a EMBRAPA tem desenvolvido que é essa sociedade internacional de substâncias húmicas, que toca a agenda de matéria orgânica natural, o X Encontro Brasileiro de Substâncias Húmicas, aqui no nosso centro em Goiânia, na Embrapa, Arroz e Feijão. Essa sociedade, Sr. Presidente, Srs. Deputados, eu tive a honra de ser o primeiro cientista latino-americano a dirigi-la, de ser seu Presidente até ano passado — hoje permaneço no comitê diretor —, mas é uma agenda extremamente importante que procura conciliar, usar o que tem de ferramental da ciência, da pesquisa, para os avanços. Quer dizer, quando você tem um efeito da agricultura orgânica dos compostos, é um efeito hormonal, é um efeito pré-hormonal, é simplesmente disponibilização de nutrientes? São esses tipos de resposta que essa sociedade procura dar, além de vários outros tópicos relacionados com matéria orgânica e qualidade ambiental.

Logicamente a questão dos indicadores de qualidade do solo é fundamental nesse tipo de trabalho, a EMBRAPA está tocando ampla agenda. Na questão das



estratégias de controle biológico também há vários resultados, desde joaninhas predadoras de pulgões, ou da questão de consorciação, neste caso, da couve com mucuna, couve com crotalária, são as alternativas. Passa ainda por processos agroindustriais, como essa pasteurização da polpa de banana orgânica, ou suco de acerola, cultivado sob o manejo orgânico. Enfim, uma série de resultados. Os senhores me desculpem pela ampla quantidade de eslaides, mas o intuito é também mostrar a diversidade de agenda que a gente tem. É lógico que a gente tem uma agenda imensa na agricultura convencional, mas na agricultura orgânica, na agroecologia também se evolui.

Na questão de nutrição animal também algumas alternativas de manejo rotativo de pastagens, de insanidade animal, de tratamento homeopático, ou de controle de parasitismo em cabras leiteiras, criadas a pasto por fitoterápicos. Essa tem sido uma agenda incluída em todo o empenho da EMBRAPA. E aí algumas estratégias de manejo, incluindo essa questão do sistema silvipastoril para bovino.

No caso de aves, a questão de frangos de corte colonial, uma nova vertente, a questão de produção de suínos em família, demandas principalmente da Região Sul do Brasil.

Na questão de adubação verde, aí a gente tem vários exemplos que podem ser dados de áreas experimentais da EMBRAPA. Logicamente na questão de consórcios de vários tipos de hortaliça, que é a base para poder... Há uma unidade de referência, lá no Rio de Janeiro, de agroecologia, mas essa agenda permeia outras regiões do País. E logicamente sistemas agroflorestais ganhando espaço e interesse cada vez maior, tanto com formato de agrofloresta, ou como integração lavoura/pecuária/floresta.

Aqui também esforços junto a produtores de alface no Rio Grande do Sul, produtores de banana, e as formas de entrega, desde *sítes* do projeto, com todas as informações detalhadas, informativos, sistematização do conhecimento, fichas agroecológicas de agentes da ATER, quer dizer, buscando fazer um trabalho bastante integrado de transferência de tecnologia ou comunicação em comunidade virtual. Essa é uma agenda que claramente carece de mais esforço e dedicação. Também lembramos que essa é uma agenda que a EMBRAPA faz dentro de suas possibilidades. O papel de extensão rural não é exatamente a agenda da



EMBRAPA, mas como transferência de tecnologia, treinamento de multiplicadores, essas são atividades que entendemos importantes.

Temos também o mestrado profissional em agricultura orgânica, que é feito na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E com a EMBRAPA, agrobiologia, em que teve a nossa pioneira Joana Dobëreiner, da fixação biológica do nitrogênio, que mantém um grupo extremamente ativo, lá no Rio. Logicamente há uma série de outras atividades de vídeos.

Concluindo, eu queria contextualizar a abordagem que a gente tem feito, do ponto de vista dos desafios do agro, e que não necessariamente só para o orgânico. Mas a sustentabilidade é um item fundamental hoje, em todas as discussões, na linha de intensificação do uso sustentável de base de recursos naturais, de aumento da produtividade, e sabendo que nós estamos lidando com recursos finitos, como solo, água, nutrientes, biodiversidade. E a redução de avanços em biomas sensíveis, utilizando mais áreas degradadas. E, logicamente, vários passivos que a gente tem que ter capacidade de lidar, trazer conhecimento, trazer ciência, para gente superar, além de outros aspectos sociais.

Aqui alguns exemplos que surgem. Eu gostaria de chamar a atenção não necessariamente somente para o intuito da agroecologia da agricultura orgânica — estive recentemente em Luis Eduardo Magalhães, estamos com reunião agendada com os produtores de Mato Grosso —, mas claramente com a nova praga, por exemplo, de soja, milho e algodão, começou com algodão, a *Helicoverpa armigera*. O modelo exclusivo de pesticidas, muitas vezes, está tendo dificuldade; claramente abre espaço para a questão do controle biológico de pragas. Isso é feito no mundo, e a gente tem condições de fazer aqui no Brasil. Já temos uma coleção de micro-organismos. E aqui se abre uma oportunidade de negócios, as chamadas biofábricas. Eu acho que é uma oportunidade que o Brasil tem. Logicamente é um desafio, não é pequeno, mas é claramente, e essa aqui atende a múltiplas agendas, não só a questão da agroecologia, da agricultura orgânica, mas também do grande produtor que hoje, nesse sistema de *commodities*, enfrenta algum tipo de dificuldade, e a gente entende que tem oportunidade de dar contribuição, via controle biológico. Isso é fato.



Nesse edital do Inova Agro, que é um financiamento da iniciativa privada para empresas investirem em inovação, a EMBRAPA teve 68 propostas, em torno de 200 que nós temos informações que o BNDES e a FINEP receberam, e 45 delas com parceiras de empresas privadas, incluindo essa questão de criação de biofábricas. A gente vai ter que ter essa alternativa da mesma forma que a gente tem o químico, senão não estará acessível, não estará disponível ao produtor rural. A gente sabe que essa é uma questão importante da biodiversidade. Eu acho que, além da questão da conservação, a gente tem uma série de oportunidades ainda de desenvolvimento, de geração de produtos, os trópicos têm um percentual extremamente importante.

Quando a gente dá um exemplo das frutas brasileiras, só a questão de prospecção de compostos bioativos... A EMBRAPA inaugurou, recentemente, um laboratório de química de produtos naturais em Fortaleza, na EMBRAPA Agroindústria Tropical, que é, sem dúvida, uma referência nacional e até internacional, dada a dimensão e o parque de equipamentos instalado, bem como a capacidade para trabalhar com diferentes produtos — não somente frutas, mas, com certeza, da vasta biodiversidade brasileira — para agregar renda e criar alternativas sustentáveis de desenvolvimento.

Também acho que é extremamente importante a questão dos recursos genéticos e dos programas de melhoramento. A EMBRAPA mantém mais de 70 programas de melhoramento genético. Isso é um desafio importante. Em novembro, devemos inaugurar a nova COLBASE, aqui em Brasília, com capacidade para armazenar 700 mil amostras. Será o terceiro maior reservatório de recursos genéticos do planeta, superado apenas pelos Estados Unidos e China. Então, trata-se de um investimento importante que nos dará condições de nos prepararmos para questões do futuro, associadas à diversidade e à necessidade de o Brasil continuar à frente desse protagonismo.

Logicamente, hoje, os aspectos da economia verde e de redução na emissão de gases do efeito estufa — eu já fiz menção a isso no início da minha apresentação — estão associados às alternativas do sistema de produção e do nosso Programa Agricultura de Baixo Carbono. Acho que o País é um dos pioneiros no mundo. Eu participo da Aliança Global de Pesquisa em Gases do Efeito Estufa na Agropecuária.



Sou *coach* na área de terras cultiváveis. Quando a gente mostra este Programa, ele é visto como um diferencial importante. A gente sai da condição de adversidades, de desmatamentos, para a de um país que promoveu uma revolução na produção de alimentos e que está procurando minimizar os impactos ambientais do seu sistema de produção.

O Programa ABC é, sem dúvida, um diferencial do Brasil. Ele está associado a vários itens, desde recuperação de pastagem degradada, plantio direto, fixação biológica de nitrogênio, plantio de florestas e a integração lavoura/pecuária/floresta, que é extremamente importante para dar essa condição diferenciada ao nosso País, a fim de que tenha mais de uma safra, mais de um produto na mesma área.

Estou tentando concluir essa conversa, com questões da agricultura orgânica. A gente entende que os desafios são vários, mas dois deles eu reputo de grande importância: ampliar a base científica do sistema de produção — eu tive a satisfação de trabalhar nisso num período da minha carreira, mas muita coisa permanece aberta e com oportunidades — e, logicamente, ampliar a adoção pelos produtores — nessa transição, há a oportunidade de agregação de valores, etc. Não é trivial.

Do ponto de vista da evolução, tomei liberdade de resgatar algumas informações. No ano 2000, estimativas do BNDES davam conta de que tínhamos de 200 a 300 milhões de mercado, 7 mil produtores. Já em 2006, segundo dados do Censo do IBGE, 90 mil estabelecimentos se declararam como orgânicos. Isso equivale a 1,8% do total de estabelecimentos no Brasil, quase 4 milhões de hectares. No que se refere às unidades certificadas, o mapa de 2011 mostra 1,5 milhão de hectares. Há indicativos de que o Brasil é o terceiro maior em área de produção orgânica, atrás apenas da Austrália e da Argentina.

No nosso contexto de EMBRAPA, naturalmente, a gente tem todos esses desafios: desde a pequena propriedade, que eu mencionei, até a agricultura de precisão. No próximo dia 20 setembro, a Unidade de São Carlos lança o Laboratório de Referência Nacional em Agricultura de Precisão, uma nova base física, uma infraestrutura importante naquela cidade, bem como no que se refere à nanotecnologia e outras agendas que a gente também tem o desafio de cuidar.

Eu quero concluir dizendo que acho que a gente ter sabedoria, inteligência — a gente se sente muito honrado em ter esta oportunidade aqui nesta Casa — do



contexto de um país como o nosso, que está se tornando uma potência agrícola, é uma potência agrícola. Se soubermos dosar, ele se consolidará como essa potência ambiental — com conservação importante de florestas, com busca de alternativas ao uso sustentável da biodiversidade — e, ainda, como uma potência energética de energia renovável. Hoje quase metade da nossa matriz é renovável.

Naturalmente, isso não é uma panaceia, é um desafio imenso. Eu acho que temos que investir muito. É um desafio importante para o País, mas isso nos daria uma condição excepcional no mundo de hoje.

Eu agradeço muito a atenção das senhoras e dos senhores. Muito obrigado.  
(Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Penna) - Quero anunciar a presença do Deputado Alexandre Toledo. Os Deputados Eurico Júnior e Duarte Nogueira também estão presentes. Anuncio a presença do querido Deputado Oziel Oliveira, do Deputado Fernando Ferro, do Deputado Márcio Macêdo, da Deputada Luci Choinacki e do Deputado Jesus Rodrigues.

Temos alguns inscritos.

Concedo a palavra ao Deputado Duarte Nogueira.

**O SR. DEPUTADO DUARTE NOGUEIRA** - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, inicialmente, eu queria cumprimentar o Deputado Penna pela iniciativa de requerer a realização desta audiência pública para debater as ações empreendidas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), para o desenvolvimento das agriculturas orgânica e convencional.

Em seguida, cumprimento o nosso palestrante, Sr. Ladislau, pela qualidade de sua apresentação. Eu tive oportunidade de conhecê-lo, em Washington, em novembro do ano de 2008, quando eu, juntamente com outros Parlamentares, fui convidado pelo Governo dos Estados Unidos para acompanhar, como observador, as eleições americanas que acabaram resultando na eleição do Presidente Obama. Naquele tempo, eles convidavam a gente para ser observador e não observavam a gente tanto quanto estão observando agora. (Risos.) Nós nos encontramos na Embaixada do Brasil, em Washington, e o Ladislau representava a EMBRAPA naquele momento. Qual foi a nossa alegria em poder recebê-lo hoje aqui na Comissão de Meio Ambiente — que não é uma Comissão da qual eu, neste





momento, participe, mas o tema é muito palpitante, dada a importância que, cada vez mais, a agricultura orgânica passa a ter um atrativo nessa linha de qualidade de vida, de baixo impacto do uso de produtos fitossanitários e de fertilizantes minerais.

É sempre bom aproveitar o debate, com a presença de tão festejado cientista, para que a gente possa, de alguma maneira, desmistificar algo que, às vezes, se torna mito perante a sociedade, pelo conflito, às vezes ideológico, que existe entre a agricultura convencional e a agricultura orgânica.

Na última sexta-feira, participei de um evento na cidade de Sertãozinho. Lá tivemos oportunidade de discutir o segmento do setor sucroenergético, mas tivemos contato com o conjunto da agropecuária brasileira, que hoje é um dos principais componentes do nosso desenvolvimento econômico e social, gerador de emprego e salvaguarda da nossa balança comercial, tendo em vista a piora dos indicadores em todos os outros segmentos da nossa balança de exportação, da nossa balança comercial.

O Brasil teve um desempenho muito significativo em todas as cadeias do agronegócio do ano passado para cá. À exceção da carne suína e do café, todas as demais cresceram em suas exportações, mesmo nesse momento difícil. E o Brasil, hoje, tem como parceiros internacionais, principalmente China, Estados Unidos, os Países Baixos, Japão, Hong Kong, Rússia, Arábia Saudita, Coreia do Sul, Alemanha e Itália.

No mercado interno, a nossa população, que superou 200 milhões de habitantes no último Censo, consome, em média, dependendo da atividade agropecuária, praticamente 70% de tudo aquilo que a gente produz em média. É claro que, para o mercado interno, nós temos que ter esse cardápio para que o consumidor possa escolher com qualidade, com segurança alimentar e com opções para que a sua renda possa, portanto, viabilizar as suas necessidades ou as suas vontades.

A partir disso, eu quero fazer as seguintes perguntas ao Ladislau. Para toda atividade, sobretudo toda atividade produtiva, existem os prós e os contras, as vantagens e as desvantagens. No caso dos orgânicos, você tem a produção sem o uso de produtos fitossanitários, sem pesticidas, sem fertilizantes artificiais e sem radiação, produtos que fazem parte de uma série de protocolos para que aquele



alimento possa ser, efetivamente, denominado e consumido como um produto orgânico.

As vantagens são enormes. Além das vantagens nutritivas, ela viabiliza mais a agricultura do pequeno produtor e tem uma relação de fertilidade de solo mais acentuada do que as agriculturas não convencionais e extensivas. Há o aspecto da biodiversidade, que é um fator muito importante. Nós, como profissionais da área — eu sou engenheiro agrônomo —, sabemos da importância dessa vida, dessa microvida no solo para efeito da produtividade e do bom balanço de fertilidade, mas existem algumas desvantagens, e é sobre elas que eu gostaria de indagar o nosso convidado.

Primeiro, sobre o custo. Por que a gente tem um custo de 10% a 40% a mais na nossa agricultura orgânica do que na agricultura convencional? Por que alguns pesquisadores dizem que o alimento orgânico é menos seguro? Digo isso sob o aspecto de que há a questão da conservação, a questão da forma de você não utilizar conservantes para efeito do desencadeamento da vida microrgânica prejudicial, deletéria para o ser humano. Quanto à questão de você evitar o uso de alguns defensivos ou herbicidas, isso também tem outro aspecto que deve ser considerado.

Sobre a questão das doenças e das pragas — para efeito de uma análise a longo prazo e levando-se em consideração a produção de alimentos no mundo —, se nós fôssemos todos caminhar para a uma agricultura orgânica, certamente teríamos dificuldade no controle de algumas dessas pragas e doenças.

Por último, os críticos da agricultura orgânica também atacam a sua produtividade, o que, em relação ao uso do solo, dos insumos como água, luminosidade e dos demais fatores de produção, acaba tendo um aproveitamento menor, uma produtividade menor e, portanto, uma produção de alimentos menor, considerando que nós ainda temos que fazer frente a um conjunto de pessoas.

Apesar de termos superado 7 bilhões de habitantes no nosso planeta, 1 bilhão deles, infelizmente, não fazem todas as refeições durante o dia. Nós temos um cenário projetado para 2050 de mais de 9 bilhões de habitantes e vamos ter, relativamente, menos famintos no planeta. Porém, ainda teremos o desafio projetado



para 2050. Com os atuais métodos de produção, ainda teremos o remanescente de 1 bilhão de habitantes que não farão todas as refeições durante o dia.

Posto isso, agradeço a todos a paciência. Eram essas as indagações que eu gostaria de fazer ao nosso convidado.

Obrigado.

**O SR. LADISLAU MARTIN NETO** - Muito obrigado, Deputado Duarte Nogueira, pelas palavras e pela lembrança do nosso tempo de Washington. Realmente, foi um período bastante rico e de grande experiência.

O que está se tratando aqui — acho que V.Exa. os traz à tona — são os pontos críticos de como é feita essa transição do sistema convencional, com uma história de desenvolvimento e de base de sistema de produção, de escala de produção, extremamente consolidado no Brasil e em todo o mundo.

Assim, naturalmente, em vários aspectos que a gente vai abordar, o nível de dificuldade a ser superado ou para se viabilizar aparece, em alguma medida, com aparentes dificuldades. Algumas delas são concretas, para as quais não se tem resposta atualmente; outras eventualmente temos chance de superar.

Uma delas é o contexto da produção em um país de clima tropical como o nosso, em que há o bônus de termos ao longo do ano mais de uma safra e, em algumas situações, até três no mesmo espaço, de várias culturas. Você tem um bônus que vem da disponibilidade de água, da característica do solo e da luminosidade, naturalmente, por não termos um inverno tão rigoroso.

Quando a gente vai para a situação do controle de pragas e doenças, isso também vai na mesma medida. Você tem também o sistema produzindo, e nesse momento começamos a ter algum tipo de dificuldade importante nesse sistema de produção. E há eventualmente as alternativas de que dispomos, por exemplo, de controle biológico.

Essas são questões que o manejo integrado de pragas já preconizava. A ideia é que você, dentro de um manejo integrado de pragas, você tenha a componente química, dentro de um regime de racionalidade, mais o componente biológico. Aparentemente, não se sabe por que razão, em grande medida ele foi esquecido.

Assim, com o contexto dessas adversidades e com esse novo investimento e essa nova necessidade — agora não mais por opção — do controle biológico, eu



entendo que o sistema de produção orgânica... Porque, por outro lado, você tem o uso do pesticida. Nós nos tornamos o maior consumidor de pesticidas do planeta, e a justificativa está nessas características de clima tropical, mas a gente aparentemente tem espaço para evoluir. E eventualmente a alternativa da produção orgânica pode, em alguma medida, para alguns produtos, ser competitiva também. Acho que você tem que aliar o sistema de produção, a questão da informação, da disponibilidade técnica e científica, a questão da extensão. Com tudo isso junto, você tem algumas situações em que você pode se tornar competitivo. E a gente vê algumas iniciativas bem-sucedidas de produção orgânica.

Naturalmente, creio que extrapolar isso e dizer que agora a vertente tem que ser exclusivamente esta não seria o caso, aparentemente não estamos nessa situação, face ao desafio de aumento de população, à disponibilidade de alimento e às técnicas que temos hoje.

Portanto, Deputado Duarte Nogueira, sem dúvida são desafios. Eu não tenho resposta para todos esses itens. São as questões cruciais. Quando a gente fala em dificuldade do sistema de produção e a gente fala que a produção orgânica não pode usar os adubos convencionais, os minerais, isso imediatamente traz um desafio importante.

Eu acho que a gente poderia fazer uma conciliação. O Brasil tem uma produção de resíduos orgânicos importante. A partir de uma compostagem e do uso disso como um composto, você poderia minimizá-los. Quando eu olho os números — e V.Exa. conhece bem a questão da cana-de-açúcar —, verifico que, para cada litro de etanol, há mais de 10 litros de produção de vinhaça. Esse excedente é, na verdade, uma grande usina de vinhaça. Caso sejam produzidos 30 bilhões de litros por ano, haverá 300 bilhões de litros de vinhaça. Isso é muito bem utilizado, a gente conhece a realidade por fertirrigação nas usinas em São Paulo, mas é um produto que teria outra oportunidade. A gente vê as ações de compostagem que as usinas têm feito. Eu estive na São Martinho, a maior unidade do mundo, em Pradópolis. Lá vi a quantidade de compostagem e de adubo orgânico que está sendo usada em um sistema totalmente considerado convencional.



Por isso, eu acho que há oportunidades importantes, sim, de conciliação da prática orgânica em relação a essas questões. Cito esse exemplo do fertilizante como algo concreto.

Demos o exemplo do agrosuíno, um produto que está patenteado pela EMBRAPA. A partir do dejetos suíno, produz-se um produto com característica organomineral, com nível de fertilização. Logicamente, o desafio é sair dessa escala da pesquisa, do campo experimental, e ganhar uma escala de campo, de ser produtivo. São esforços que o Brasil, para o bem do seu futuro, deve seguir. Essa é uma agenda importante.

Quando se vai para a questão de pragas e doenças, há realmente um desafio. O que a gente tem preconizado, tanto a parte de consorciação, mais a questão do controle biológico. Em 2012, o prêmio a uma das empresas mais inovadoras do mundo foi dado à empresa Bug Agentes Biológicos, de Piracicaba, que saiu como *startup* da ESALQ. A empresa está ao lado da Microsoft e da Apple. É um diferencial. Parece-me que ela está sendo reconhecida agora, no fórum de Davos, como uma das mais inovadoras do mundo, novamente. São sistemas que não são do tipo mais convencional e vão dando mostras, pela base científica e tecnológica, de alternativas viáveis importantes.

A produção de açúcar orgânico ocupa a maior área de produção orgânica do planeta, em extensão. Há a produção da Usina São Francisco, assim como a da Usina Santo Antônio. Este é também um exemplo concreto. São situações fantásticas, em que você vê um novo sistema de produção ser viabilizado em larga escala.

Assim, Deputado Duarte Nogueira, com certeza V.Exa. toca em pontos importantes, como a produtividade, a necessidade de se fazer em determinado espaço uma quantidade de alimentos, o uso racional e eficiente dos recursos naturais. Isso é um desafio, mas eu acho que a pesquisa é um caminho. E, nesse caso, tem que haver despojamento, tem que se basear em dados e em experimentos bem organizados.

Mas entendo que o Brasil tem um espaço importante, que extrapola a questão mais restrita de uma produção menor, em pequena escala. Acho que esse exemplo do açúcar orgânico mostra isso.



Falei de forma breve. Fico à disposição para outros pontos em que V.Exa. tiver interesse.

**O SR. DEPUTADO DUARTE NOGUEIRA** - Quero agradecer e fazer dois comentários.

Primeiro, digo que a EMBRAPA é um patrimônio brasileiro. Foi fundada na década de 70, portanto já tem 40 anos de trabalho a serviço da ciência e do desempenho da nossa produção de alimentos e da nossa pesquisa agropecuária. Por isso, a gente tem que ficar sempre atento para que ela não sofra as nuances ruins da política partidária de querer se apropriar da EMBRAPA para fazer feudo político, em prejuízo ao corpo técnico e à qualidade conquistada há várias gerações de cientistas, que nos orgulham. Nós temos que estar sempre vigilantes para que essas coisas não aconteçam, a exemplo do que a gente tem assistido em várias outras áreas, em agências reguladoras, na ELETROBRAS, na PETROBRAS. Temos visto o prejuízo que esse aparelhamento político feito pelo Governo e pelo partido do Governo tem ocasionado para o País.

O segundo comentário é que nós temos como ajudar a EMBRAPA do ponto de vista prático e autônomo. Que através das emendas parlamentares, sejam individuais, sejam coletivas, nós possamos aportar mais recursos para que as linhas de pesquisas e os planos diretores de pesquisas possam ser cumpridos. Cito o evento que acontece no próximo dia 20 de setembro em São Carlos, fruto do apoio de vários Parlamentares. Essas iniciativas são mais do que bem-vindas.

Quero cumprimentar o Sr. Ladislau, parabenizar o Deputado Penna pela iniciativa e agradecer a oportunidade.

**O SR. LADISLAU MARTIN NETO** - Muito obrigado, Deputado.

Quero agradecer, neste momento, o apoio à emenda parlamentar que está viabilizando o Laboratório de Referência Nacional em Agricultura de Precisão. Convido todos a comparecer à inauguração, que ocorrerá no dia 20 de setembro, às 10 horas da manhã.

Eu tive a felicidade de dirigir essa unidade de pesquisa em São Carlos, antes de ir para os Estados Unidos, e depois na direção de pesquisa. Foi um desafio. Houve uma situação em que pesquisadores de física e engenharia tinham uma agenda incipiente, e hoje nós temos muito orgulho de ver as realizações, tanto em



agricultura de precisão quanto em nanotecnologia. A revista *The Economist* retratou esse laboratório como o pioneiro no mundo voltado exclusivamente para a agricultura. Esse é um feito da sociedade brasileira, nesse contexto de grandeza e de visão de futuro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Penna) - Quero aproveitar a presença dos amigos e repetir que é um prejuízo para o Brasil a cisão entre ambientalistas e produtores rurais ou industriais. Isso não é verdade. Há muitas acusações, mas na verdade o que se tem que acusar é a burocracia brasileira. Não é interesse do ambientalismo atrapalhar os sérios projetos.

Nós tivemos embates aqui sobre o Código Florestal e tantos outros. Acho que havia uma intolerância de parte a parte. Isso prejudica sensivelmente o andamento da vida do País.

Para os que não estavam presentes, repito o que disse para o nosso amigo em relação à nossa intenção. Acho que a EMBRAPA está desassistida. Isso é uma realidade. Nós precisamos todos dar meios para que a empresa possa produzir mais, pois o que ela produz é bom.

Vou contar uma historinha agora. Recentemente, participei de outra audiência pública, sobre a pesca. É um atentado para o Brasil importarmos peixe do Vietnã. São 2 bilhões de peixe por ano. Para um país com o nosso potencial, isso é simplesmente vergonhoso. Não há um investimento. E queremos — a intenção é esta — que o Ministério da Pesca encontre meios para a gente coma peixe.

Mas, para contextualizar, digo que a nossa caminhada não vem daí. Nós tivemos dificuldades no Congresso. Terminou parecendo que nós resolveríamos esse problema na ABCZ, em Uberaba. Fizemos uma reunião entre os produtores e os verdes. Nós tínhamos uma agenda mínima de Controle Sanitário e Amazônia. Foi um sucesso a reunião. Quando terminou, é bom que se diga, saímos para almoçar. Na ocasião, o Prata — acho que muita gente aqui o conhece, era o Presidente da ABCZ, belo brasileiro — disse-me: *“Eu estou preocupadíssimo. Nós gastávamos entre 20 milhões e 25 milhões com vacinação e controle sanitário em fronteira, etc. Baixaram para 2 milhões. E a nossa fronteira com o Paraguai está aberta!”* E o Prata ainda brincou com a responsabilidade que eu tenho — entendam que é uma piada —, dizendo: *“E você confia na vacinação paraguaia?”* Virou apenas uma blague.



Menos de 60 dias depois dessa reunião, houve a crise da aftosa, que estourou. E eu ainda tive de pedir ao Governador do Deputado Duarte Nogueira, o Alckmin, para que abrisse um corredor, porque o beneficiamento da carne era todo feito no Estado de São Paulo.

Portanto, nós temos esse gestual.

**O SR. DEPUTADO DUARTE NOGUEIRA** - Nós abrimos oito corredores. Eu era o Secretário de Agricultura.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Penna) - É verdade.

**O SR. DEPUTADO DUARTE NOGUEIRA** - Três com o Mato Grosso do Sul e cinco com o Paraná. Abrimos corredor sanitário para poder fazer a biossegurança, para evitar a entrada da aftosa em São Paulo, porque nós não temos aftosa em São Paulo desde maio de 1996.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Penna) - Já naquela época, um ambientalista e um grupo de ambientalistas foram decisivos naquela operação.

Portanto, este é que é o clima que interessa: pensar o Brasil, colocá-lo na ponta e diminuir — desculpem-me outra vez falar algo chulo — essa perrengada entre produtores agrícolas e ambientalistas.

Com a palavra o Deputado Eurico Júnior.

**O SR. DEPUTADO EURICO JÚNIOR** - Esse é o nosso Presidente, e não só da Comissão, mas também meu Presidente.

Em primeiro lugar, quero parabenizar o Deputado Penna pela convocação para esta audiência pública, por ter a ideia de fazer esta audiência pública, tão importante não só para os ambientalistas e para o Partido Verde, mas para todos os pequenos, médios e grandes produtores do nosso País.

Deputado Penna, V.Exa. está de parabéns, ainda mais trazendo a EMBRAPA, que é o orgulho de todos nós.

Sou Deputado de uma região agrícola do Médio Paraíba, do centro-sul do Médio Paraíba. Fui Prefeito do Município de Paty de Alferes, um dos maiores produtores de tomate do Estado do Rio de Janeiro. A olericultura é muito forte naquela região. Fui também Prefeito de Vassouras, onde também há agricultura e bacia leiteira fortes, em local vizinho à fazenda experimental da EMBRAPA, em





Barão de Juparanã. Não se sabe se lá Vassouras ou Valença, porque a fazenda, que foi do grande Duque de Caxias, fica bem na divisa dos Municípios.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Penna) - Todo mundo em Vassouras é da nobreza, até o Deputado! (*Risos.*)

**O SR. DEPUTADO EURICO JÚNIOR** - Obrigado, Deputado Penna. Essa é uma das maiores fazendas da região, a que tem o maior número de portas e janelas de todo o Estado. Temos ali uma belíssima e importantíssima estação experimental da EMBRAPA, voltada principalmente para o leite. Temos também em Seropédica, não muito distante, a EMBRAPA agrobiológica, que é importantíssima na nossa região.

Sr. Martins, como a gente disse quanto ao tamanho do Brasil, o país não é um país, mas um continente. Hoje, há um movimento forte na agricultura orgânica, além da forte agricultura convencional. Temos essa opção, mas a gente vê que ainda são poucos os campos experimentais em todo o País.

Na nossa região, temos Paty de Alferes, Vassouras, Miguel Pereira. São 16 Municípios no entorno, em um raio de 80 quilômetros de Paty de Alferes. Temos uma estação experimental da PESAGRO, em Avelar, um campo experimental. O sonho nosso — quando cheguei ao Congresso Nacional, esse sonho ficou ainda mais forte — era conseguir naquele campo experimental uma grande parceria entre os 16 Municípios, que têm uma população de 1 milhão de pessoas na região centro-sul do Médio Paraíba, o Governo do Estado, através da PESAGRO, e a EMBRAPA, representando o nosso Governo Federal. Assim, teríamos um polo regional de formação em agricultura de base ecológica.

A propriedade é a coisa mais linda que existe! Ela tinha uma antiga escola do Município. Há salas de aula dentro desse campo experimental, auditório, garagem. Antigamente, as máquinas do Estado ficavam ali, para atender os produtores. Não é do meu tempo, mas falavam isso. As garagens ainda existem. E tem muita água, uma mata maravilhosa, um local enorme para se fazer essa estação experimental. É um grande sonho. Por quê? Porque você estaria colocando a EMBRAPA para fazer o treinamento desses novos produtores.

Nossa região vem-se destacando — Vassouras, Paty de Alferes, Miguel Pereira, Paraíba do Sul — na agricultura orgânica. Vem-se destacando, crescendo,



aumentado o número produtores. São em grande número. Há pequenos produtores, produtores da agricultura familiar, que estão trabalhando. Mas precisamos dar orientação para que possamos, como V.Sa. bem mostrou — e fiquei impressionado —, obter aumento de 200% na produtividade, em cima de apenas 30% da área plantada. Isso nos orgulha e nos faz ter cada vez mais orgulho, não só dos nossos produtores. Estes hoje estão conscientes de que têm que ser profissionais da agricultura. Até mesmo quem trabalha com agricultura familiar sabe que tem que se profissionalizar a cada dia. Mas nos orgulhamos principalmente do apoio que a EMBRAPA vem dando, o desenvolvimento que a EMBRAPA vem oferecendo a todos os produtores e a todas as regiões.

Cheguei a fazer um requerimento. O meu primeiro requerimento era com vistas à instalação de um núcleo de pesquisa apenas. Mas eu amadureci. Conversei com técnicos da EMBRAPA, dentre os quais destaco um grande amigo meu, Ernani Jardim Reis, grande técnico da EMBRAPA de Seropédica. Ele me fez ver algo: *“Júnior, sendo do PV, você luta, como sempre lutou...”* Eu fui três vezes Prefeito: fui o primeiro e o terceiro Prefeito do Município de Paty de Alferes e fui Prefeito de Vassouras. Criei a Festa do Tomate, como forma de divulgar a agricultura e os produtores, incentivar e trazer autoridades para aquela grande festa, em benefício de um número grande de produtores. E o que a gente vê, nos últimos 25 anos — Paty de Alferes comemora, neste ano, 25 anos de emancipação —, é a diminuição do número de agricultores. Trata-se de uma área maravilhosa, muito boa para cultivo. Precisamos de quê? Profissionalizar ainda mais e dar a esses produtores tecnologia para que possam entrar nessa agricultura de base ecológica.

Por isso, faço um pedido. A bancada do Rio de Janeiro, Deputado Penna, apresentou emenda para a EMBRAPA neste ano. Não foi um valor tão grande, em torno de 14 milhões, mas o fizemos para que a gente pudesse avançar nessa questão. Isso mostra a consciência de todos os Deputados da bancada do Rio de Janeiro, que não mediu esforços em ajudar nosso Coordenador, Deputado Hugo Leal, o defensor nº 2 da EMBRAPA — ele era o nº 1, mas passou a ser o nº 2, depois que cheguei ao Parlamento. Quero, enfim, deixar registrado o pedido.

Parabenizo a EMBRAPA por todo o trabalho que vem fazendo nesse campo. Podem contar com os Deputados do Partido Verde, não só do Rio de Janeiro, mas



de todo o Brasil. Temos consciência da importância da agricultura orgânica e também da agricultura convencional para que possamos no ano de 2050, como disse o Deputado, cuidar dos 10 bilhões que vão povoar o mundo — mesmo que 1 bilhão não consiga ter toda a alimentação diária, o que é uma tristeza muito grande!

Muito obrigado, Deputado Penna! E, mais uma vez, parabéns por esta audiência pública!

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Penna) - Vou pedir ao próximo inscrito, Deputado Alexandre Toledo, que faça uso da palavra.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE TOLEDO** - Primeiro, quero parabenizar o Sr. Ladislau pela apresentação. Assustei-me, porque eu realmente não conhecia esse volume. Parece que é 1,5 milhão de hectares no País com agricultura orgânica certificada. É realmente já bem expressiva a agricultura orgânica no País, seguramente pouca gente sabe disso.

Ouvindo as participações, notei que o Deputado Duarte Nogueira aprofundou muito a análise da competitividade, a questão das pragas, mas ao final, em sua resposta, disse que a vinhaça era uma das fontes de nutrição da cana-de-açúcar, substituindo fertilizantes químicos. Eu sou agrônomo, sou do setor sucroalcooleiro há mais de 30 anos. Hoje o nosso PROÁLCOOL infelizmente não é visto como antes. Só se trata do PROÁLCOOL pelo lado econômico, deixou de ser tratado como uma forma ambiental. E isso ocorre não só com o PROÁLCOOL, mas com todos os combustíveis renováveis. Esqueceram isso, ninguém fala mais disso hoje.

Eu estava vendo a apresentação da PETROBRAS, a situação de desgaste em que se encontra hoje. E vejo o setor sucoenergético também quebrando, em função da condução da política energética do País.

Mas, quando começou o PROÁLCOOL, a vinhaça era um problema sério, era um problema ambiental violentíssimo. O que fazer com aquele volume de vinhaça? Para cada litro de álcool, eram produzidos 15 litros de linhaça. Hoje passa a ser solução. Seguramente, nós temos muita coisa para crescer, para evoluir, e a EMBRAPA é muito importante.

Agora, faço também um pedido, que é pelo fortalecimento da nossa EMBRAPA costeira, no que diz respeito à cana-de-açúcar, em Alagoas, no Nordeste, porque vocês foram importantes demais em tudo o que está acontecendo.



E refiro-me à balança comercial, em que a EMBRAPA tem o dedo muito forte ao viabilizar os nossos cerrados. Certo? Mas temos também os nossos tabuleiros costeiros, que são áreas muito pobres, com solos muito pobres e clima muito sujeito à proliferação de pragas e de doenças, porque há muita umidade e temperatura neles. Não é fácil trabalhar isso. Então, acho que temos muito a ganhar. Hoje, tem crescido muito o problema das pragas, das cigarrinhas da raiz e dos dermatoides.

O dermatóide é muito limitador de produção. E os dermátidas são muito violentos em termos de agressão ambiental e agressão humana também. Então, precisamos fortalecer a pesquisa da nossa cana-de-açúcar com variedades resistentes, com controles biológicos dessas pragas, com fertilização, com fixação de nitrogênio. A gente tem muito a crescer com isso.

Esse é mais um pedido. E falar da importância da EMBRAPA não é preciso. Só me entristeço quando falamos de emenda parlamentar, que é importante para a implantação disso.

Há pouco estava no Centro de Estudos de Desenvolvimento Estratégico, quando um pesquisador, quase que com um pires na mão, dizia que estava fazendo pesquisa de um café resistente à seca. Dizia que se não houver um emenda parlamentar para continuar, ele pararia a pesquisa. A pesquisa não pode depender de emenda parlamentar. A pesquisa tem de ter financiamento garantido. Vimos hoje a transformação de Sergipe na produção de milho. Ouvimos o Sr. Argileu, do MDA, dizer que buscou nas prateleiras da EMBRAPA e verificou que estava pronta a sua pesquisa. Mas não adianta uma pesquisa pronta na prateleira.

Assim, a criação de uma empresa de assistência e extensão rural é muito importante, mas desde que seja criada e chegue realmente aos municípios, que chegue realmente envolvendo, já que a EMBRAPA tem assento lá. Sempre fui defensor disso.

Fui três vezes Prefeito da minha cidade e entendo que para algo acontecer nos municípios é bem mais fácil; fui Prefeito de Penedo, em Alagoas. Fui Secretário de Agricultura também do meu Estado e vejo a dificuldade que os Estados têm de fazer com que a assistência técnica e extensão rural cheguem principalmente ao pequeno agricultor.



Sempre brinco dizendo algo: *Vamos criar o SUS da assistência técnica, que envolva os três entes federativos: União, Estado e Município.* Se não envolvermos os municípios, nada vai acontecer. Vocês da EMBRAPA têm muita coisa boa, têm muita pesquisa boa, têm muitos trabalhos como o referido, aos quais, infelizmente, o nosso produtor não têm acesso, porque não tem que os leve até ele.

Faria mais este apelo: que trabalhemos essa assistência técnica com a participação de todos, com a integração de todos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Penna) - Como metodologia, porque, se piscar esta luzinha, teremos de correr para o plenário...

Efetivamente, temos as seguintes perguntas da internauta Fernanda, que passarei a V.Sa., destacando que funciona esse contato com o cidadão, por meio da internet:

Pergunta nº 1 - Quais são os impasses para a criação de uma unidade voltada para a agricultura orgânica, como a EMBRAPA/SOJA e EMBRAPA/CAFÉ?

Pergunta nº 2 - É mais comum o consumo de hortaliças orgânicas? Existe viabilidade econômica para a produção de soja ou milho, por exemplo?

Pergunta nº 3 - A produção de orgânicos é mais direcionada para pequenos produtores, no entanto, para atender à demanda de mercado é necessário uma produção em maior escala. Como a EMBRAPA pode ser agente e incentivador para essa produção?

Conheço Penedo, é uma cidade linda, sem querer competir com Vassouras (Risos.)

**O SR. LADISLAU MARTIN NETO** - Bem, eu vou iniciar com as perguntas dos Deputados, agradecendo muito as menções feitas em favor da EMBRAPA. O desafio é grande na gestão de uma empresa do porte da EMBRAPA. A gente agradece muito, é extremamente importante o apoio desta Casa e dos senhores.

Eu acho que, no Brasil, essa decisão e o aprendizado que tivemos até vendo outros países incorporarem ciência, tecnologia e inovação, para fazer a diferença na economia e nos aspectos sociais, são fundamentais.

Questões como a criação de um polo regional, como a que o Deputado Eurico colocou, são cruciais, acho que é o caminho que teríamos que trilhar. É o que acontece no local, no Município. Eu acho fundamental criarmos mecanismos, sim.



Mas é lógico que seria irresponsabilidade da minha parte dizer que a EMBRAPA pode estar presente em 5.600 Municípios do nosso País, acho que isso não é possível, mas, dentro de arranjos, de estruturas e de formatos, ela poderia apoiar as iniciativas.

Eu falei, na minha apresentação, da questão do apoio às organizações estaduais de pesquisa. Por razões distintas, se tem um nível de dificuldade com isso — e isso seria crucial dentro do modelo —, que não é como as universidades também, mas as organizações estaduais têm na sua missão a questão do apoio no desenvolvimento da pesquisa agrícola. Eu vejo que no Rio tem a PESAGRO, a gente tem parcerias, e de alguma forma temos que viabilizar.

Do ponto de vista de gestão, o que temos feito é ampliar, sinalizar cada vez mais. Neste momento, está aberto um edital em parceria com o Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, com recursos da EMBRAPA, do MCTI, recursos do MAPA/ EMBRAPA, para apoiar as fundações estaduais, as organizações estaduais.

A gente já havia feito isso anteriormente no chamado PAC/EMBRAPA, então, é um esforço continuado e a gente vem sinalizando isso.

Parcerias com universidades também, inclusive agora a gente vai para um arranjo mais ousado de criar o que estamos chamando de Unidade Mista de Pesquisa. Eu acho que lá no Rio a EMBRAPA Agrobiologia e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro praticamente já são uma unidade mista, um trabalho de décadas conjunto, com alta produtividade, excelente desempenho, reconhecimento nacional e internacional, desde a pioneira, Dra. Johanna Dobereiner, e eu também tive a oportunidade de estar lá em algumas ocasiões.

Esses são ingredientes que estão muito a favor. Trata-se agora de criar as condições para dar os próximos passos. Eu sou um entusiasta dos arranjos produtivos locais, do desenvolvimento local, regional, o que é fundamental para o nosso País. E falamos isso porque ajudamos a organizar quando estávamos atuando em São Paulo.

Então, Deputado Eurico, eu acho que temos que encontrar os mecanismos. Eu teria muita satisfação de dialogar mais, vendo com os colegas lá daquela unidade que é mais próxima, a da Agrobiologia, as condições para dar os próximos passos nesse arranjo.



Acho que isso é fundamental. Agora, não dá para esperar que a EMBRAPA seja a protagonista, a implementadora, e o dia a dia de cada um desses locais. Isso daí, do ponto de vista do número de servidores etc, não é possível, mas tem condições de apoiar. Eu vejo isso como uma vocação importante que a EMBRAPA em alguma medida tem que atender.

Em Alagoas, há a questão da cana, a possibilidade de alavancarmos outras ações. E acho que, nos últimos anos, a unidade de lá, a estação experimental, ganhou um reforço importante, com melhorias, com uma série de atividades. Eu tive a oportunidade de orientar um trabalho lá de pesquisa em campo com alternativas em cana-de-açúcar.

Hoje, estamos fazendo um grande esforço com a RIDESA de trazer principalmente as universidades na questão das variedades, porque ela tem uma tradição grande com a pesquisa com cana-de-açúcar. A EMBRAPA está se associando, tem uma unidade de agroenergia, tem atividades em diferentes estações, mas claramente a RIDESA tem tradição, como no banco de germoplasma, de variedades, extremamente importante que temos que nos associar, e Alagoas é um importante protagonista nisso. Mas eu vejo como uma tendência forte, a gente quer reforçar e apoiar as nossas unidades, incluindo a de Alagoas.

Então, eu agradeço as menções. Eu falo com propriedade, como agrônomo, como experiente gestor, de vários pontos relevantes, de doenças e de desafios que estão colocados e que fazem a razão de ser da instituição. Eu anotei aqui, a gente está levando e vai estimular a unidade nessa agenda que o senhor nos demanda.

Agora, teríamos as questões da internauta, da Fernanda.

A questão do impacto...

**O SR. DEPUTADO EURICO JÚNIOR** - Eu queria permissão para atrapalhar um pouco, porque eu queria colocar, na realidade... Eu acho que esse avanço do controle biológico... Mas acho que talvez a gente tivesse muito a ganhar, também, com o disciplinamento dos usos dos defensivos agrícolas. Perdeu-se o controle, muito forte, disso. E, seguramente, teríamos ganhos muito ... Eu não gosto muito de dizer o agrotóxico, se não, remete a "humanotóxico". Esses defensivos agrícolas têm sua importância também, como disse o nosso Deputado Duarte, temos aí uma



população para... Mas a gente precisa trabalhar mais o controle disso e, seguramente, teríamos muito ganho, também.

**LADISLAU MARTIN NETO** - Eu faço um comentário nessa linha, quer dizer, em algum momento, imaginou-se que a assistência técnica e extensão rural estava resolvida com a questão, totalmente ou em grande medida, via iniciativa privada. Aparentemente, a gente tem que... A questão da criação da EMATER pode trazer uma contribuição importante nessa forma de gestão da propriedade de apoio ao produtor. Então, eu creio que é um ponto importante.

Quem vende também está fazendo a recomendação do uso. Esse sempre tem algum risco. Eu acho que a gente tem resultados muito importantes, mas também temos condições em que a gente poderia otimizar, melhorar a nossa gestão. Eu entendo que a questão da assistência técnica e extensão rural é uma delas.

Com relação às questões do impasse para a criação de uma unidade de agricultura orgânica, de fato, quando a gente olha o escopo de atuação e o perfil de uma EMBRAPA, como a agrobiologia, é patente o quão extensa é a agenda de agricultura orgânica — aquela fazendinha ecológica, que é praticamente uma unidade pioneira de pesquisa de longa data no País. Então, essa agenda está se desenvolvendo. Você tem ações, por exemplo, na EMBRAPA Clima Temperado, no Sul do País; uma estação chamada Cascata, inteiramente convertida para a questão de agroecologia e agricultura orgânica. É uma estação de milhares de hectares, convertida para isso. Então, não é que a EMBRAPA precise de um novo centro. A EMBRAPA tem uma agenda importante nessa temática colocada.

E, como eu explicitiei, talvez algum detalhe tenha ficado um pouco longo, mas o nosso então Diretor de Pesquisa, Dr. Maurício, trouxe a questão dos portfólios, das linhas de pesquisa, e isso começou nessa questão da dinâmica do solo, mudanças climáticas, novas vertentes. É importante ter uma agenda pujante? O sistema de produção de base ecológica foi um desses colocado. Então, Fernanda, na verdade, a gente está tocando uma agenda. Isso é uma prioridade na nossa agenda de execução de pesquisa, e a gente vai assim conduzindo.

Quando ela pergunta sobre a viabilidade de outras espécies, sobre a agricultura orgânica, que não soja e milho, logicamente são *commodities*, são preços





regulados por um mercado internacional, e cuja escala de produção é fator fundamental para você conseguir se manter competitivo. Então, na formatação atual, boa parte das propriedades teriam dificuldades. Mas, a gente já vê iniciativas de produtos que acabam indo para o mercado, particularmente o milho, que tem consumo humano direto. Você vê propriedades se viabilizando e oferecendo essa alternativa. Acho que está tudo associado ao sistema de produção, na medida em que você tem fertilizantes alternativos ou tem um sistema de produção. A gente vê vários outros produtos se enquadrando como elegíveis para serem passíveis de uso como agricultura orgânica. Então, não é a realidade, ainda, mas ganha espaço.

E a questão de pequenos produtores irem para uma maior escala, é uma associação de alternativas de manejo, tanto do controle químico, de fertilizantes e também um pouco de máquinas agrícolas. Quer dizer, quando a gente fala do por que a agricultura orgânica tem que ficar num ambiente de menor escala é porque muitas vezes ela demanda uma quantidade expressiva de mão de obra, e que, como é no mundo, a questão de disponibilidade de mão de obra no campo, por razões distintas, tem diminuído. Então, tem que se desenvolver também toda uma indústria de máquinas agrícolas adaptadas aos interesses dos produtores, como há em muitas regiões do mundo, ou seja, países como Coreia, Japão ou Estados Unidos são muito baseados em máquinas equipamentos agrícolas de pequenos portes, muitos deles, de custos acessíveis que viabilizem.

Então, eu acho que há uma agenda aqui associada à questão científico-tecnológica, mas também de geração de novos produtos de mercados, inclusive que poderiam estimular a nossa indústria para viabilizar essa nova agenda.

Então, é um processo em construção que a gente tem clareza de como a EMBRAPA pode auxiliar nesse processo e também sempre aberta a receber sugestões, demandas, porque esse é o formato de você resolver desafios de diferentes escalas em diferentes regiões do País.

Então, Sr. Presidente, estas seriam as minhas respostas para a Fernanda.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Penna) - Eu gostaria apenas de dizer ao querido Ladislau, que me impressionou muitíssimo bem com sua capacidade de explicar, que eu acho que ainda nós estamos destinando muito pouco dinheiro para a agricultura orgânica.



E, na agricultura familiar, que é o grande sustentáculo da nossa alimentação pelos números que a EMBRAPA trouxe, eu acho que a assistência a esse tipo de produtor no Brasil ainda é muito, muito fraquinha. Eu cito o exemplo, que eu acho que não é bem da EMBRAPA, mas vale a pena dizer: o pequeno produtor que realmente pressiona a alimentação no Brasil é o gado leiteiro, com os sistemas de cooperativas, isso é uma coisa que realmente funcionou.

Agora, quando a gente vai para o comparativo, Ladislau, é aí que nos causa espécie. Quer dizer, uma vaca na Europa produz 40 e tantos litros de leite ao dia; a Argentina 20, 30 litros de leite ao dia. O nosso gado leiteiro produz 4 litros de leite ao dia. Quer dizer, não é bem da EMBRAPA, mas também faz parte. Quer dizer, uma política de embriões para o pequeno agricultor seria um gesto importante.

E nós, na questão do Código Florestal, quer dizer, como se nós fôssemos o impedimento. Impedimento é não ter uma política pública efetiva para essa produção tão importante para nós.

Então, estas são as minhas considerações, não sei se cabe ainda uma réplica ou tréplica. *(Risos.) (Pausa.)*

Pois não.

**O SR. LADISLAU MARTIN NETO** - Sem dúvida, quando a gente vai para a questão de média, realmente acho que é um desafio, que, de alguma medida, a gente colocou. Quando se tem 500 mil produtores amalhando 87% da renda, e os outros com mais 3 milhões, claramente se tem um cenário a ser trabalhado. E a questão da agricultura familiar é um deles. A gente tem consciência disso e está procurando abordar isso da melhor forma possível. E há uma questão, que acho que foi aqui mencionada, que é a questão da extensão rural. Não é uma panaceia, mas isso, se a gente continuar no formato atual...Tem que ter avanço. Aí eu não tenho dúvida disso.

Eu acho que essa é a iniciativa no âmbito do Governo. Mas quando se vê Estados como Santa Catarina e Paraná, onde a questão do associativismo, do cooperativo, foram soluções da própria iniciativa privada, fantásticas e que jogaram na escala o ganho do produtor para outros níveis. A qualidade de vida, os indicadores sociais são maravilhosos. Então, a gente fica assim: poxa vida, como isso não dá para permear. Acho que esse é o nosso...



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Penna) - Perdoe-me interromper, meu querido amigo, não se consegue tirar o zoneamento ecológico agrícola no Brasil. Eu não sei. É um horror do planejamento que nós precisamos vencer. É uma etapa que o Brasil não comporta mais.

Vejam que absurdo, mas fui maltratado em uma audiência pública na região de Porto Seguro! Naquela época, Porto Seguro oferecia mais leitos para o turismo, com hotéis e pousadas, do que Salvador. E botar cinco fábricas de celulose numa região que se tinha viabilizado pelo contrário!

São essas as dificuldades que eu acho que a possibilidade nos encanta, mas a gente não consegue caminhar, não consegue discutir.

Eu acho que as minhas preocupações coincidem com as dos participantes e eu espero que sejam de estímulos para nós todos conseguirmos caminhar.

Quero dizer aos presentes que, a partir de amanhã, a apresentação do expositor desta audiência pública estará à disposição dos interessados na página desta Comissão do Meio Ambiente, no *link* audiências públicas, na Internet.

Informo também que amanhã, às 10 horas, nós teremos a nossa sessão ordinária no Plenário nº 2 da Câmara dos Deputados.

Agradeço muito a presença de todos.

**O SR. DEPUTADO EURICO JÚNIOR** - Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Penna) - V.Exa. não vai deixar eu terminar a reunião, Deputado Eurico.

**O SR. DEPUTADO EURICO JÚNIOR** - Trinta segundos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Penna) - Está bom. (*Risos.*)

**O SR. DEPUTADO EURICO JÚNIOR** - Eu não sei como isso funciona, por isso eu vou fazer uma pergunta. Mas não teria como o senhor deixar na Comissão de Meio Ambiente essa explanação que nos deu aqui? Isso seria fundamental para...

**O SR. LADISLAU MARTIN NETO** - Sim, sim.

**O SR. DEPUTADO EURICO JÚNIOR** - Isso. Muito obrigado. Para a gente poder fazer esses estudos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Penna) - Antes que o Deputado Eurico retome a palavra (*risos*), eu declaro encerrada a sessão. (*Risos.*)